



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Volume 1 – Número 1 - 2025

A Obra Perfeita de Deus: Teologia, História e Espiritualidade em Gênesis 1

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues
luizaerodesign@gmail.com.br

Resumo

Este artigo explora o primeiro capítulo do livro do Gênesis, abordando a perfeição da criação sob a ótica teológica da Igreja Católica Apostólica Romana. A partir de uma leitura que combina análise histórica, reflexão espiritual e estudo devocional, o texto destaca como cada ato criador revela a sabedoria e o amor de Deus. A narrativa bíblica demonstra que o universo foi criado em ordem, harmonia e bondade, com repetidas afirmações de que “Deus viu que era bom”, indicando a plenitude e o propósito de toda a obra divina.

O estudo enfatiza o papel central do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, como ápice da criação e guardião do cosmos. Essa dignidade conferida ao homem implica responsabilidade moral, cuidado com o mundo e participação ativa no louvor contínuo a Deus. O artigo também ressalta a presença do amor trinitário na criação, evidenciada na pluralidade do diálogo divino e no sopro vivificador que anima o ser humano, revelando a natureza relacional e comunitária de Deus.

Além disso, o texto contempla a dimensão espiritual da obra criadora, evidenciada no repouso do sétimo dia, que simboliza a plenitude, a contemplação e a santificação do tempo. Ao contemplar a criação, o homem é convidado a reconhecer a presença de Deus, a viver em comunhão com Ele e a participar do louvor universal que emana de toda a obra divina. Conclui-se que o primeiro capítulo do Gênesis não apenas narra a origem do universo, mas oferece uma compreensão profunda da perfeição da criação, da dignidade humana e do chamado à comunhão com Deus, integrando história, teologia e espiritualidade.

Abstract

This article explores the first chapter of the Book of Genesis, examining the perfection of creation from the theological perspective of the Roman Catholic Church. Through a reading that combines historical analysis, spiritual reflection, and devotional study, the text highlights how each act of creation reveals God's wisdom and love. The biblical narrative demonstrates that the universe was created in order, harmony, and goodness, with repeated affirmations that “God saw that it was good,” indicating the fullness and purpose of all divine work.

The study emphasizes the central role of human beings, created in the image and likeness of God, as the pinnacle of creation and steward of the cosmos. This dignity entails moral responsibility, care for the world, and active participation in the continuous praise of God. The article also underscores the presence of Trinitarian love in creation, evidenced in the divine dialogue and the life-giving breath that animates humanity, revealing God's relational and communal nature.

Furthermore, the text addresses the spiritual dimension of creation, exemplified in the seventh day of rest, which symbolizes fullness, contemplation, and the sanctification of time. In contemplating creation, humanity is invited to recognize God's presence, live in communion with Him, and participate in the universal praise emanating from all of creation. The article concludes that the first chapter of Genesis not only narrates the origin of the universe but also provides a profound understanding of the perfection of creation, human dignity, and the call to communion with God, integrating history, theology, and spirituality.

1 – Introdução

Desde os primórdios da história, o homem se depara com a grandiosidade e a beleza do universo como um reflexo da presença de algo maior, perfeito e ordenado. Essa intuição universal de que o cosmos possui um sentido e uma origem transcendente encontra sua expressão mais sublime nas palavras iniciais do livro do Gênesis: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1). Com esta afirmação solene, a Sagrada Escritura inaugura a revelação da criação não como fruto do acaso, nem como resultado de uma luta entre forças caóticas, mas como um ato livre, amoroso e perfeito do Deus único e verdadeiro. Assim, o primeiro capítulo do Gênesis não é apenas uma narrativa de origem, mas um hino litúrgico que proclama a bondade e a harmonia de tudo o que procede das mãos do Criador.

Na perspectiva da Igreja Católica Apostólica Romana, o relato da criação no Gênesis ultrapassa o campo da cosmologia ou da ciência natural, inserindo-se no coração da fé. Ele revela a verdade teológica fundamental de que o universo tem sua origem em Deus e é sustentado por Ele em permanente ato de amor. Cada palavra da narrativa — desde a separação da luz e das trevas até a criação do homem e da mulher — expressa uma profunda sabedoria divina, onde nada é fruto do acaso e tudo possui finalidade e ordem. A criação é, portanto, boa e perfeita, não em um sentido estático, mas dinâmico, porque se orienta para a plenitude do próprio Deus, seu autor e fim último. Como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*, “Deus cria o mundo com sabedoria e amor; o mundo não é o produto de uma necessidade, de um destino cego ou do acaso” (CIC, n. 295).

Historicamente, o livro do Gênesis foi redigido em um contexto em que os povos vizinhos do antigo Israel concebiam o universo a partir de mitos que envolviam conflitos entre divindades ou o



nascimento do cosmos a partir de forças caóticas. Em contraste radical, a tradição bíblica apresenta um Deus único, transcendente e pessoal, que cria com palavra e intenção. A criação ex nihilo — isto é, “a partir do nada” — manifesta a onipotência divina e estabelece a distância infinita entre o Criador e as criaturas, ao mesmo tempo em que revela a ternura de um Deus que vê tudo o que fez e reconhece como “muito bom” (Gn 1,31). Essa visão não apenas refuta as concepções pagãs de seu tempo, mas inaugura uma nova compreensão da realidade: o cosmos é ordenado, belo e dotado de sentido porque reflete a perfeição de seu autor.

Sob o olhar teológico da Igreja, essa perfeição da criação deve ser compreendida à luz do mistério da Trindade. O Pai é o princípio da criação, o Filho é o Verbo por meio do qual todas as coisas foram feitas (Jo 1,3), e o Espírito Santo é aquele que paira sobre as águas, dando vida e ordem ao universo (Gn 1,2). Assim, toda a criação é uma obra trinitária, um ato de comunhão divina que se estende à totalidade do ser. Cada elemento criado — o firmamento, as águas, as estrelas, os seres vivos e, por fim, o homem — participa, em graus diferentes, da bondade que procede de Deus. Santo Agostinho, em suas *Confissões*, contempla essa harmonia e afirma que “todas as coisas são boas, e, juntas, são muito boas, porque todas procedem de Ti, ó Senhor, que és a suma bondade” (*Confissões*, VII, 12).

Dessa forma, a criação narrada em Gênesis 1 não se limita a descrever o início do mundo, mas apresenta uma teologia da ordem e da beleza divina, um testemunho da perfeita sabedoria de Deus revelada na obra criada. Ela convida o homem, criado à imagem e semelhança do Criador, a reconhecer a bondade intrínseca do mundo e a participar de sua conservação e harmonia. Ao longo da história, os santos, teólogos e papas refletiram sobre essa realidade, vendo na criação não apenas um dom, mas também uma responsabilidade. Bento XVI, em uma de suas homilias, recorda que “a criação fala de Deus, e escutá-la com o coração puro é um modo de encontrá-Lo”. Essa percepção é profundamente espiritual e, ao mesmo tempo, profundamente humana, pois o ato criador de Deus não apenas revela a origem do universo, mas também o lugar do homem dentro dele — chamado a contemplar, cuidar e louvar.

Assim, este artigo busca explorar a perfeição da criação relatada no primeiro capítulo do Gênesis sob a ótica teológica da Igreja Católica, unindo a análise histórica e literária à dimensão espiritual e contemplativa. Ao percorrer as páginas da Sagrada Escritura e os ensinamentos do Magistério, pretende-se compreender como a criação é expressão da bondade, da ordem e da beleza divinas, e como o ser humano, feito à imagem de Deus, é chamado a reconhecer e cooperar com essa perfeição. Trata-se, portanto, de um convite à reflexão sobre o mistério da criação como revelação do amor trinitário e à redescoberta da presença do Criador em todas as coisas.



2 – O Contexto Histórico e Literário do Gênesis

Para compreender plenamente o significado teológico da criação descrita no primeiro capítulo do Gênesis, é essencial situá-lo em seu contexto histórico e literário. O Gênesis, primeiro livro do Pentateuco, constitui não apenas a abertura da Sagrada Escritura, mas também o alicerce sobre o qual toda a revelação bíblica se edifica. Sua redação, segundo os estudos exegéticos e a tradição judaico-cristã, remonta a um processo longo e complexo, que atravessou séculos de transmissão oral antes de ser fixado por escrito. A Igreja Católica reconhece que, embora o texto sagrado tenha sido composto em linguagem humana e dentro de um contexto cultural específico, é inspirado por Deus e transmite com fidelidade o que Ele quis revelar para nossa salvação (*Dei Verbum*, n. 11).

Os exegetas situam a redação definitiva do Gênesis entre os séculos VI e V a.C., provavelmente durante o período do exílio babilônico ou logo após o retorno a Jerusalém. Esse contexto histórico é particularmente importante: o povo de Israel, exilado e humilhado, via-se cercado por civilizações que possuíam mitos de criação profundamente enraizados em concepções politeístas e mitológicas. Entre eles, destacam-se o *Enuma Elish* da Babilônia e os textos cosmogônicos egípcios, nos quais o mundo surge a partir de lutas entre deuses ou de processos naturais divinizados. É nesse ambiente que o relato bíblico se ergue com uma originalidade absoluta, afirmando que o mundo não nasceu do conflito nem do acaso, mas da palavra eficaz e amorosa do único Deus verdadeiro.

Literariamente, o primeiro capítulo do Gênesis apresenta-se como uma composição de caráter poético e litúrgico. Sua estrutura em sete dias, marcada pela repetição de expressões como “E Deus disse...”, “E assim se fez...” e “E Deus viu que era bom”, revela um ritmo ordenado e meditativo, destinado não apenas a narrar, mas a **celebrar** o ato criador. O texto bíblico é, portanto, um hino à sabedoria e à bondade divinas, mais próximo de uma confissão de fé do que de um tratado cosmológico.

Essa compreensão é enfatizada pela Igreja, que ensina que os relatos da criação em Gênesis “transmitem verdades de fé sobre a criação, sobre sua origem, sua finalidade e sua ordem, mais do que descrições científicas” (CIC, n. 289).

O estilo literário do Gênesis, com sua linguagem simbólica e universal, permite que cada elemento criado — luz, águas, firmamento, astros, animais e, por fim, o ser humano — seja apresentado como parte de uma harmonia crescente que culmina na santificação do sétimo dia. A menção ao repouso de Deus, longe de significar cansaço, exprime o coroamento da criação: o cosmos alcança sua plenitude ao tornar-se espaço de comunhão entre o Criador e suas criaturas. O sétimo dia, portanto, é sinal da perfeição divina refletida na ordem criada, um lembrete de que tudo o que existe provém de Deus e a Ele retorna.

Além disso, o relato da criação em Gênesis 1 apresenta uma dimensão teológica que transcende sua época, propondo uma nova visão do homem e do mundo. Enquanto as civilizações antigas viam o homem como servo ou brinquedo dos deuses, a revelação bíblica o coloca como colaborador de Deus, criado à sua imagem e semelhança (Gn 1,26). Essa verdade confere à humanidade uma dignidade única e uma missão de cuidar e governar a criação, não como dono absoluto, mas como administrador e guardião. O texto, portanto, possui não apenas valor teológico, mas também moral e espiritual: ele ensina que a criação é dom, e o dom exige responsabilidade.

Com base nessa leitura, comprehende-se que o primeiro capítulo do Gênesis não pretende responder às questões científicas sobre a origem material do universo, mas revelar o sentido teológico da criação: tudo vem de Deus, tudo é ordenado por Ele e tudo é bom. Essa interpretação foi reafirmada por São João Paulo II, ao declarar que “a Bíblia não fala de como o céu foi feito, mas de como se vai para o céu”, retomando a antiga máxima atribuída a São Basílio Magno. Assim, a verdade revelada no Gênesis é atemporal: mais do que explicar os mecanismos da criação, ela proclama o seu Autor e convida o homem a contemplar a sabedoria divina refletida em todas as coisas.

Dessa forma, o contexto histórico e literário do Gênesis ilumina o caráter profundamente teológico de sua mensagem. Ele não é fruto de uma cosmovisão primitiva, mas uma expressão inspirada da fé de Israel, que reconhece o mundo como um reflexo da perfeição e da bondade de Deus. O relato da criação é, portanto, uma profissão de fé em um Deus que cria com amor, estabelece ordem no caos e confia ao ser humano a tarefa de preservar essa harmonia. Nesse horizonte, a criação torna-se não apenas o ponto de partida da história da salvação, mas também um espelho da presença contínua do Criador em sua obra, convidando toda criatura ao louvor, à gratidão e à contemplação.

3 - A Criação como Obra Perfeita de Deus

Ao longo do primeiro capítulo do livro do Gênesis, a perfeição da criação manifesta-se de forma progressiva e harmoniosa. A cada ato criador, a Sagrada Escritura repete solenemente: “E Deus viu que era bom” (Gn 1,10.12.18.21.25). Essa expressão, que se repete como um refrão litúrgico, revela não apenas a bondade intrínseca das coisas criadas, mas também a harmonia que permeia toda a obra divina.

A perfeição, nesse contexto, não significa ausência de desenvolvimento ou imutabilidade material, mas plenitude de ordem, finalidade e bondade segundo o plano de Deus. Tudo o que existe é bom porque procede do Bem absoluto, e é perfeito porque foi criado em sabedoria, amor e medida.

A teologia católica comprehende essa perfeição como reflexo da natureza divina. Como ensina o *Catecismo da Igreja Católica*, “Deus cria o mundo com sabedoria. O mundo não é o produto de uma necessidade, de um destino cego ou do acaso. Deus cria livremente o mundo, segundo o desígnio de sua

vontade, a fim de que suas criaturas participem de seu ser, de sua sabedoria e de sua bondade” (CIC, n. 295). Essa participação é o fundamento da bondade da criação: tudo o que existe é bom porque contém, em si mesmo, um vestígio do Criador, uma centelha da perfeição divina. Assim, a criação torna-se um espelho da glória de Deus, e contemplá-la é um modo de conhecer e amar o Criador.

Santo Agostinho, em suas *Confissões* e no *De Genesi ad Litteram*, refletiu profundamente sobre essa verdade. Para ele, a criação não é apenas bela em suas partes, mas sobretudo em sua totalidade.

Mesmo aquilo que o homem, por sua limitação, considera imperfeito ou feio, encontra seu lugar na ordem do universo e contribui para a harmonia do todo. “Pois Tu, Senhor, fizeste todas as coisas boas, e não há nada em tua criação que não tenha sua razão de ser. As coisas menores embelezam o conjunto, e aquilo que é considerado mau em si contribui para o bem universal” (*Confissões*, VII, 12). Essa visão agostiniana ecoa a profunda sabedoria de que o mal não é substância, mas ausência de bem; e que, mesmo diante das imperfeições aparentes, a criação continua a refletir a perfeição do Criador.

São Tomás de Aquino, desenvolvendo essa tradição, ensina na *Summa Theologica* (I, q. 47, a. 1) que a perfeição do universo resulta da diversidade e da complementaridade das criaturas. Nenhum ser isolado pode expressar plenamente a bondade de Deus, mas todos, em conjunto, manifestam algo de Sua infinita perfeição. Deus quis um mundo ordenado e diverso para que a multiplicidade de criaturas refletisse, como em um grande espelho, os múltiplos aspectos de Sua bondade. Assim, a criação não é caótica, mas ordenada; não é fruto de necessidade, mas de amor; e não é imperfeita, mas continuamente sustentada pela sabedoria divina.

A repetição constante da expressão “E Deus viu que era bom” culmina em um versículo decisivo: “E Deus viu tudo quanto havia feito, e eis que era muito bom” (Gn 1,31). A bondade aqui atinge seu auge, não apenas pela soma das partes criadas, mas pela unidade do conjunto. O “muito bom” exprime a plenitude da criação antes da ruptura introduzida pelo pecado. É o reflexo da harmonia original entre o Criador, a criatura e o cosmos. Essa harmonia primordial — o *status integratatis* — é um dos temas centrais da teologia da criação: um estado em que o homem vivia em comunhão perfeita com Deus, consigo mesmo, com o próximo e com toda a natureza. A criação, nesse estágio, espelhava a perfeição divina em sua integridade e equilíbrio.

No entanto, a perfeição da criação não se esgota em sua dimensão material ou estética. Ela é também espiritual e moral, pois cada criatura foi ordenada para um fim que lhe confere sentido. O universo não é estático, mas orientado para a glória de Deus. O salmista expressa essa verdade ao proclamar: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra de suas mãos” (Sl 19,2).

A criação é um louvor silencioso, um cântico contínuo que exalta a bondade de seu Autor. Nesse sentido, contemplar a criação é participar de sua liturgia, é unir-se ao louvor cósmico que ressoa desde o princípio.

A perfeição da criação é também um chamado à gratidão e à responsabilidade. Se tudo o que existe é bom, então o homem, como imagem e semelhança de Deus, é chamado a preservar e cuidar dessa bondade. O Papa Francisco, na encíclica *Laudato Si'*, retoma essa herança teológica e a atualiza para o nosso tempo: “Cada criatura tem uma função e nenhuma é supérflua. Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, de seu afeto desmedido por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus” (*Laudato Si'*, n. 84). Assim, a perfeição da criação não é uma ideia abstrata, mas uma realidade viva que interpela o homem a reconhecer o dom recebido e a responder com amor, zelo e reverência.

Em síntese, a criação é perfeita porque é expressão direta da sabedoria e do amor de Deus. Sua ordem, beleza e finalidade testemunham a presença constante do Criador, que “sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1,3). Contemplar a criação é, portanto, um ato de fé e adoração; é reconhecer que tudo o que existe — do menor átomo à imensidão das galáxias — participa da bondade divina e proclama a perfeição de Aquele que disse: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (Ap 21,6).

4 - O ser Humano como Ápice e Guardião da Criação

No relato do primeiro capítulo do Gênesis, o ponto culminante da obra criadora de Deus é a criação do ser humano. Depois de ordenar o universo, formar a luz e as trevas, o firmamento e os astros, a terra e o mar, as plantas e os animais, Deus pronuncia uma decisão singular, sem paralelos nos versículos anteriores: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26). Essa formulação, plural e solene, introduz um momento de diálogo intra-trinitário, no qual o Criador decide plasmar uma criatura que, diferentemente das demais, participará de maneira especial de Sua própria natureza. O ser humano é, portanto, o ápice da criação, o reflexo mais pleno da sabedoria e do amor divinos, aquele em quem a perfeição da obra criada encontra seu sentido mais elevado.

Criado “à imagem e semelhança de Deus”, o homem foi dotado de razão, liberdade e capacidade de amar. Essas faculdades não apenas distinguem o ser humano das outras criaturas, mas o tornam capaz de conhecer o Criador e de responder conscientemente ao Seu amor. Como ensina o *Catecismo da Igreja Católica*, “o homem é a única criatura sobre a terra que Deus quis por si mesma; ele é chamado a participar, pelo conhecimento e pelo amor, na vida de Deus” (CIC, n. 356). Essa verdade teológica revela a grande dignidade do homem: ele é, ao mesmo tempo, parte da criação e interlocutor de Deus. Sua existência é o ponto de encontro entre o céu e a terra, entre o mundo material e o espiritual.

Essa dignidade, porém, não é privilégio isolado, mas vocação de serviço. O mesmo versículo em que Deus cria o homem à Sua imagem acrescenta: “dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem sobre a terra” (Gn 1,28). O verbo “dominar” aqui não deve ser interpretado como domínio despótico, mas como missão de cuidado e guarda. O homem é chamado a exercer um domínio que imita o próprio governo divino — um domínio que cria, preserva e dá vida. São João Paulo II, na encíclica *Centesimus Annus*, recorda que “o homem deve exercer um domínio sobre as criaturas visíveis com sabedoria e amor, refletindo a harmonia da criação e respeitando a finalidade que Deus nelas colocou”. Assim, o verdadeiro poder do homem sobre o mundo é o poder do cuidado, não da exploração.

Na tradição teológica católica, o homem é visto como o sacerdote da criação — aquele que, em nome de todas as criaturas, eleva o louvor ao Criador. São Boaventura, em sua *Itinerarium Mentis in Deum*, expressa essa ideia ao afirmar que toda a criação é um “espelho de Deus”, e o homem, com sua inteligência e coração, é chamado a contemplar esse espelho e transformá-lo em oração. Cada criatura material canta silenciosamente a glória de Deus, mas o homem é quem dá voz a esse cântico universal, ele é o intérprete da criação, o mediador entre o mundo visível e o invisível.

Essa vocação sacerdotal, entretanto, implica também responsabilidade moral. Ao ser criado “do pó da terra” e ao mesmo tempo animado pelo “sopro de vida” (Gn 2,7), o homem é lembrado de sua dupla condição: criatura e espírito. Ele pertence à terra, mas não é prisioneiro dela; é chamado a governá-la, mas também a respeitá-la. A criação, confiada às suas mãos, não é um bem a ser possuído, mas um dom a ser cultivado. O Papa Francisco retoma essa dimensão em *Laudato Si'*, quando afirma: “O homem não é um forasteiro que vive alheio à natureza, mas parte dela, e o dever de cuidar do mundo é inseparável da sua dignidade” (*Laudato Si'*, n. 67). Assim, a relação entre o homem e a criação deve ser de reciprocidade e gratidão: o ser humano cuida da natureza, e a natureza, por sua vez, sustenta a vida humana como expressão da providência divina.

O fato de o homem ser criado no sexto dia e a criação ser coroada pelo descanso de Deus no sétimo indica também uma verdade espiritual: o ser humano foi criado para o repouso em Deus. Toda a criação é boa, mas apenas o homem é capaz de reconhecer conscientemente essa bondade e transformá-la em louvor. Nesse sentido, a perfeição da criação alcança sua plenitude no homem que adora. Quando o ser humano vive em comunhão com o Criador, a criação inteira é elevada. Por outro lado, quando o homem se afasta de Deus, a ordem da criação se rompe, e o mundo sofre as consequências de sua desordem espiritual.

A teologia católica vê, portanto, no homem não apenas o ponto culminante da criação, mas também o seu guardião. Ele é chamado a conservar a ordem criada, a promover o bem comum e a

reconhecer a presença de Deus em todas as coisas. Esse chamado ecoa ainda hoje como um imperativo moral e espiritual: restaurar, através da fé e do amor, a harmonia original rompida pelo pecado. Em Cristo, o novo Adão, essa vocação encontra sua plena realização. Nele, o homem é reconciliado com Deus e com toda a criação, tornando-se novamente guardião e servidor do universo criado.

Assim, compreender o ser humano como ápice e guardião da criação é reconhecer que a perfeição da obra divina não se limita ao equilíbrio natural do cosmos, mas se manifesta na liberdade e na responsabilidade do homem diante do Criador. O cuidado com o mundo, a reverência pela vida e o louvor a Deus formam um único movimento espiritual: o movimento de quem reconhece que tudo é dom e que, diante do dom, a resposta mais perfeita é o amor.

5 – A Criação e a Revelação do Amor Trinitário

O relato da criação, especialmente no primeiro capítulo do Gênesis, não deve ser lido apenas como uma descrição da origem do universo, mas como uma profunda revelação sobre o próprio Deus.

Em cada ato criador, em cada palavra que dá forma ao mundo — “faça-se a luz”, “produza a terra” — manifesta-se o amor que transborda da eternidade divina. A criação é, portanto, um gesto de amor que se derrama para fora de si mesmo, um reflexo visível da comunhão perfeita que existe no seio da Trindade. O mundo não nasce por necessidade ou acaso, mas como expressão da bondade de um Deus que é amor em sua própria essência (1Jo 4,8). Assim, toda a criação é o primeiro “evangelho” da Trindade: um testemunho silencioso, mas eloquente, da comunhão eterna entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Desde o início, a presença trinitária é sugerida na própria estrutura do texto bíblico. Quando Deus diz: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26), há uma pluralidade misteriosa que revela um diálogo interno no ser divino. A Igreja, à luz da revelação cristã, comprehende que esse “nós” aponta para a Trindade Santa — o Pai criador, o Filho, por quem todas as coisas foram feitas, e o Espírito Santo, que dá vida e ordena a criação. Como ensina o *Catecismo da Igreja Católica*: “Toda a Trindade, e não apenas uma das Pessoas, é o Criador do mundo” (CIC, n. 290). Assim, a obra criadora não é o ato isolado de um Deus distante, mas o fruto da colaboração eterna das três Pessoas divinas, que agem em perfeita unidade de amor.

O Pai é o princípio e a fonte de toda a criação; o Filho, o Verbo eterno, é aquele por meio de quem todas as coisas vieram a existir; e o Espírito Santo é o sopro vivificador que pairava sobre as águas (Gn 1,2), infundindo ordem, beleza e harmonia no caos primordial. Essa tríplice ação revela o caráter relacional do próprio Deus, que cria não por imposição, mas por comunhão. A criação é o primeiro grande ícone da Trindade: um universo plural, diverso, mas ordenado na unidade. Cada criatura, com sua



forma, cor e propósito, reflete algo do mistério trinitário — uma diversidade reconciliada em harmonia, como a comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito.

Teólogos como Santo Irineu e São Boaventura viam a criação como um “rastro” (*vestigium*) da Trindade. O mundo criado é uma espécie de vestígio divino, no qual cada coisa participa, de modo limitado, da beleza e da bondade de Deus. Essa percepção teológica é retomada por São Tomás de Aquino, que afirma que “todas as criaturas trazem consigo uma certa semelhança com a Trindade”, pois em tudo o que existe há um princípio (o Pai), uma forma (o Filho) e uma finalidade (o Espírito Santo), assim, a criação não é apenas uma obra exterior de Deus, mas uma revelação de Sua vida íntima.

A criação, vista sob essa ótica, torna-se um grande ato de comunicação divina. O Pai pronuncia o Verbo, e o Espírito responde com o sopro vital que dá forma e sentido ao universo. Esse dinamismo revela que o amor trinitário é criativo, expansivo e doador de vida. A criação, portanto, é o primeiro gesto de autoentrega de Deus ao mundo. Antes mesmo da Encarnação do Verbo, o ato criador já anuncia o desejo de Deus de estar presente em Suas criaturas. O mundo não é algo separado de Deus, mas um campo de revelação onde o amor divino se faz perceptível por meio da beleza, da ordem e da vida.

Essa compreensão da criação como expressão do amor trinitário tem também uma dimensão profundamente espiritual. Quando o ser humano contempla a natureza, o céu estrelado, a harmonia dos ciclos da vida ou o mistério do nascimento, ele é convidado a reconhecer nelas um reflexo da comunhão divina. A fé católica ensina que “a criação é o primeiro passo da história da salvação” (CIC, n. 280).

Deus cria para comunicar a Sua bondade e para conduzir tudo de volta a Si. O universo é, assim, um movimento contínuo de saída e retorno — *exitus et redditus* — no qual tudo procede do amor do Pai, é sustentado pelo Verbo e é vivificado pelo Espírito, para finalmente retornar à comunhão eterna da Trindade.

Na liturgia da Igreja, essa visão se torna concreta e vivida. Cada vez que os fiéis entoam o “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”, proclamam também a verdade fundamental de que a criação inteira é obra desse amor trinitário. O louvor, portanto, é o modo humano de participar desse movimento de amor que gerou o universo. Como ensina São Francisco de Assis em seu *Cântico das Criaturas*, todas as coisas criadas — o sol, a lua, o vento, a água, a terra — se tornam irmãos que glorificam a Deus em unidade. A criação não é muda: ela canta, incessantemente, o amor da Trindade.

Compreender a criação sob essa luz é reconhecer que o mundo é mais do que matéria e energia; é sacramento. Cada criatura é sinal visível de uma realidade invisível: o amor de Deus. Assim, quando o homem destrói a natureza ou se fecha ao dom da vida, ele não apenas fere o meio ambiente — ele profana o reflexo da Trindade no mundo. Por isso, a verdadeira espiritualidade ecológica nasce da teologia: cuidar da criação é honrar o amor trinitário que nela se manifesta.

6 – O Repouso do Sétimo Dia e a Contemplação da Obra Perfeita

No clímax do relato da criação, o livro do Gênesis afirma: “E tendo Deus terminado, no sétimo dia, a obra que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra” (Gn 2,2). Essa passagem, aparentemente simples, carrega uma profundidade teológica que vai muito além da ideia de um descanso físico. O repouso de Deus é símbolo de plenitude, de comunhão e de satisfação na perfeição daquilo que foi criado.

O Criador contempla o universo que surgiu de Sua palavra e reconhece nele o reflexo de Sua sabedoria e bondade. O sétimo dia é, portanto, o coroamento da criação — o momento em que Deus, após ordenar o caos e chamar todas as coisas à existência, estabelece a harmonia definitiva do cosmos.

Para a teologia católica, o “repouso de Deus” não significa inatividade, mas a manifestação de um amor que se alegra em sua obra. É um repouso criador, fecundo, no qual o próprio Deus permanece sustentando o universo em seu ser. Como ensina Santo Agostinho nas *Confissões*, “Deus descansou, não porque estivesse cansado, mas porque quis habitar em nós e nos convidar ao descanso n’Ele”. O repouso divino é, assim, um convite à comunhão: o homem é chamado a entrar nesse descanso, a participar da contemplação da obra divina e a reconhecer nela a presença viva do Criador.

O sétimo dia também revela uma dimensão litúrgica. Desde os primórdios da revelação, o sábado foi instituído como tempo sagrado, um memorial do amor criador de Deus. Ele não apenas marca o término da criação, mas inaugura o tempo da adoração. O repouso sabático, ordenado a Israel, não é uma interrupção das atividades humanas, mas um ato de reconhecimento — um tempo para voltar o coração Àquele de quem procede toda vida. Como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*, “o sábado foi feito para louvar a Deus por suas obras da criação e para agradecer-lhe os benefícios recebidos” (CIC, n. 2171).

No contexto cristão, esse repouso atinge sua plenitude no Domingo, o “Dia do Senhor”, em memória da Ressurreição de Cristo. Assim como o sétimo dia coroou a criação antiga, o primeiro dia da semana inaugura a nova criação em Cristo, o novo Adão. A Páscoa, que ocorre no “oitavo dia” simbólico, é o cumprimento definitivo do repouso divino: em Cristo ressuscitado, a humanidade entra no descanso eterno de Deus. São João Paulo II, na *Dies Domini*, escreve que “o domingo é o verdadeiro cumprimento do sábado, pois nele se realiza o descanso de Deus na comunhão com a humanidade redimida”. Portanto, a teologia do sétimo dia ultrapassa o tempo histórico e projeta-se na eternidade: o repouso de Deus é o destino último de toda a criação.

A contemplação da obra perfeita é também um chamado à espiritualidade. O homem, criado à imagem de Deus, é convidado a participar da atitude divina de contemplar e amar o mundo criado. Contemplar, na tradição cristã, não é apenas observar, mas reconhecer a presença de Deus em todas as coisas. É ver com os olhos do coração, como ensina São Gregório Magno: “A verdadeira contemplação

é ver o Criador em cada criatura”. O repouso sabático é, portanto, um estado de alma, uma disposição interior que permite ao ser humano reencontrar o sentido da existência, o equilíbrio entre trabalho e adoração, ação e silêncio.

O descanso de Deus é também um modelo de santificação. Quando o Gênesis afirma que “Deus abençoou o sétimo dia e o santificou” (Gn 2,3), ensina que o tempo, assim como o espaço, pode ser consagrado. O homem, ao reservar momentos para o louvor e a gratidão, participa da santidade divina.

Na espiritualidade católica, essa santificação do tempo se manifesta nas celebrações litúrgicas, na oração e na vivência dos sacramentos, que são antecipações do descanso eterno prometido por Cristo. O repouso, assim entendido, não é mera pausa, mas comunhão com o ritmo divino da criação — um eco da harmonia original perdida pelo pecado e restaurada pela graça.

Além disso, o repouso do sétimo dia possui uma dimensão escatológica. Ele aponta para o fim dos tempos, quando toda a criação será transfigurada e Deus será “tudo em todos” (1Cor 15,28). O autor da Carta aos Hebreus recorda que “resta um repouso sabático para o povo de Deus” (Hb 4,9), e esse repouso é a participação eterna na glória divina. Assim, o sétimo dia é uma profecia da eternidade: o tempo se cumpre quando a criação, reconciliada com o Criador, entra no descanso definitivo do amor trinitário.

Contemplar o repouso de Deus é, portanto, aprender o sentido mais profundo da existência. O mundo foi criado não apenas para ser habitado, mas para ser contemplado; não apenas para ser usado, mas para conduzir o homem à comunhão com o Criador. Cada pôr do sol, cada silêncio da natureza, cada momento de paz é um convite a participar desse repouso divino. É o chamado a reconhecer que a verdadeira perfeição da criação não está apenas em sua beleza visível, mas na presença invisível de Deus que tudo sustenta.

Assim, o repouso do sétimo dia encerra a criação com uma promessa: a de que todo o cosmos, toda a história e toda a vida humana tendem a um fim último — o repouso em Deus. A contemplação da obra perfeita é, portanto, o ponto culminante da fé e da razão, da história e da eternidade. É o momento em que o Criador e a criatura se encontram no amor, e o universo inteiro torna-se cântico de louvor, repousando na paz de seu Autor.

7 – Conclusões

O primeiro capítulo do livro do Gênesis apresenta-se como uma verdadeira obra-prima da revelação divina, onde se revela a perfeição da criação e a sabedoria do Criador. A narrativa, apesar de composta em linguagem humana e inserida em um contexto histórico-cultural específico, transcende seu tempo e oferece à fé católica ensinamentos profundos sobre a origem do universo, o lugar do homem na

criação e o relacionamento entre Deus e Suas criaturas. Cada ato criador é marcado por ordem, propósito e bondade, evidenciando que o mundo não surge do acaso ou do conflito, mas do amor livre e intencional de Deus. A repetição solene de “E Deus viu que era bom” confirma que toda a criação reflete a perfeição e a harmonia do Criador, estabelecendo desde o início um cosmos ordenado, belo e digno de contemplação.

O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, é apresentado como o ápice da obra criadora. Dotado de razão, liberdade e capacidade de amar, ele é chamado a ser guardião da criação, responsável por cultivar e proteger o universo em nome do Criador. Essa vocação revela a íntima relação entre dignidade e responsabilidade: a imagem de Deus não é apenas um título honorífico, mas um convite à vida em comunhão, à prática do cuidado e ao exercício da justiça e do amor. O homem e a mulher são, assim, não apenas frutos da criação, mas também seus intérpretes e mediadores, capazes de transformar o mundo em espaço de louvor e adoração.

A criação também revela o amor trinitário de Deus. O diálogo intratrinitário sugerido no plural “façamos o homem” e o sopro vivificador que anima o ser humano indicam a presença dinâmica do Pai, do Filho e do Espírito Santo na obra criadora. Cada criatura, desde o menor elemento até a complexidade do cosmos, é expressão do amor que flui eternamente da Trindade. A contemplação da criação, portanto, é contemplação da própria vida de Deus, e a participação humana nesse louvor torna-se uma dimensão espiritual essencial da existência. O repouso do sétimo dia coroou essa obra com um gesto de comunhão e plenitude, sinalizando que toda a criação é destinada ao descanso, à contemplação e à glorificação do Criador.

Além disso, o capítulo 1 do Gênesis ensina que a perfeição da criação não se limita à harmonia física ou estética do universo, mas abrange o aspecto espiritual e moral. A criação é boa, bela e ordenada, mas sua plenitude se realiza quando o homem reconhece a presença de Deus, cultiva o mundo com responsabilidade e participa do louvor contínuo que ressoa em todas as coisas. Esse ensinamento conecta o relato da criação à vida devocional e à espiritualidade prática: admirar, cuidar e agradecer à criação é, ao mesmo tempo, reconhecer a glória de Deus e colaborar com Sua obra.

Em síntese, o primeiro capítulo do Gênesis apresenta uma visão integradora da criação: Deus é o Criador soberano e amoroso, o universo é bom e ordenado, o homem é imagem e guardião da criação, e toda a obra reflete a presença e o amor da Trindade. Essa leitura combina dimensão histórica, reflexão teológica e espiritualidade devocional, oferecendo à fé católica uma compreensão profunda da origem do mundo, da dignidade humana e do chamado à comunhão com Deus. Ao contemplar a criação e ao reconhecer sua perfeição, o homem é convidado a entrar no ritmo divino do louvor, da gratidão e do



cuidado, refletindo assim a imagem de Deus e participando do plano eterno de amor que deu origem a todas as coisas.

8 – Referências Bibliográficas

Sagrada Escritura – Bíblia Sagrada

Catecismo da Igreja Católica, nn. 279–301

Dei Verbum – Concílio Vaticano II

Summa Theologica, São Tomás de Aquino

Confissões, Santo Agostinho

Laudato Si', Papa Francisco

Homilias sobre o Gênesis, São João Crisóstomo

Obras de São Boaventura e Bento XVI



Peregrino da Esperança